

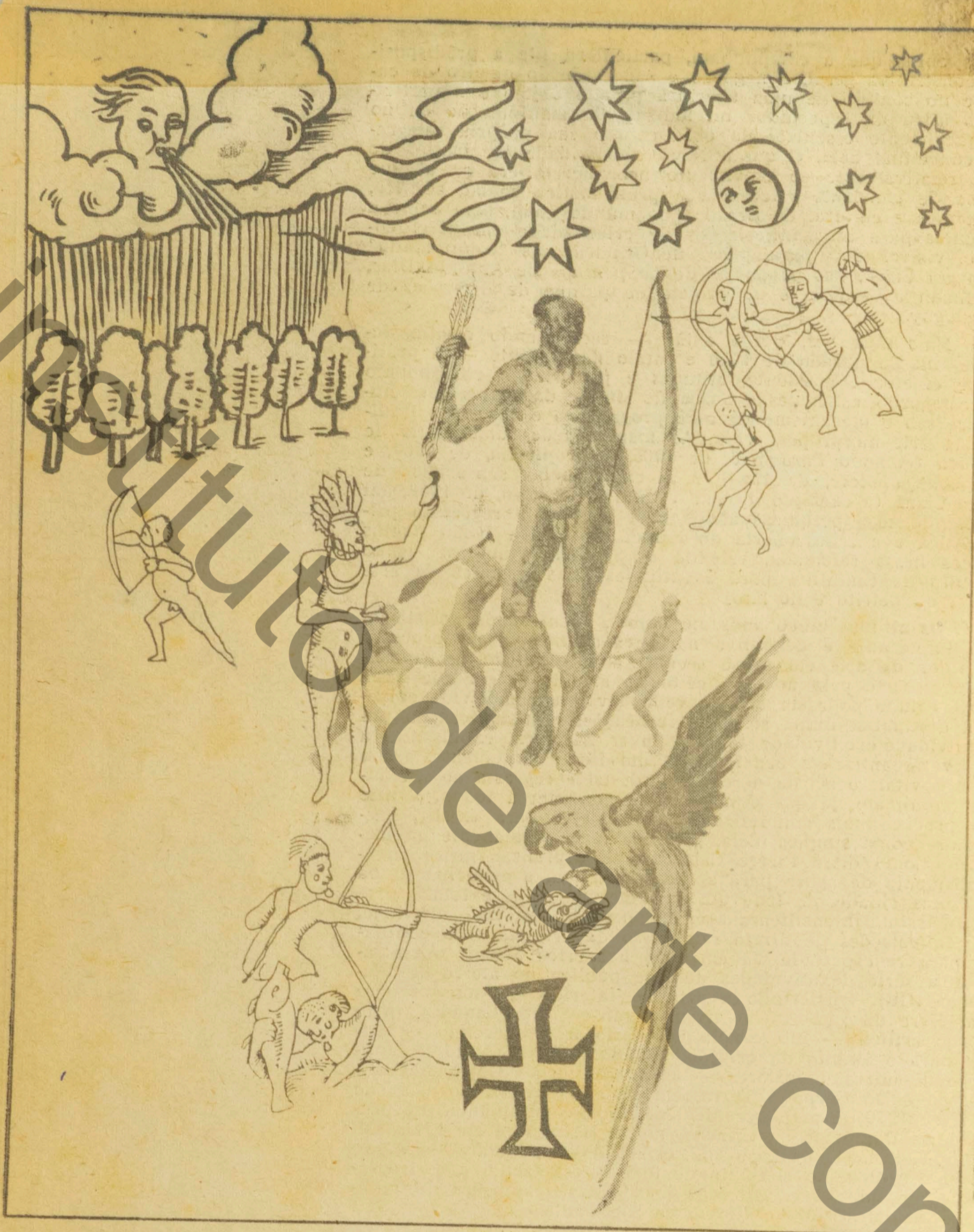
JORNAL: SUPLEMENTO LITERÁRIO LOCAL: BELO HORIZONTE - MG

DATA: 14 / 10 / 1972 AUTOR: \_\_\_\_\_

TÍTULO: \_\_\_\_\_

ASSUNTO: R. PONTUAL ANALISA 5 ANOS DE VANGUARDA BRASILEIRA

IRA (1967 - 1972)



GLAUCO RODRIGUES / Da série Descobrimento do Brasil I, tinta acrílica sobre tela / 1971



DOMINGO DA CRIAÇÃO / tecido / Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro / 1971

ROBERTO PONTUAL

# CINCO ANOS DE VANGUARDA BRASILEIRA

MINAS GERAIS

suplemento literário

BELO HORIZONTE — SABADO, 14 DE OUTUBRO DE 1972  
Av. Augusto de Lima, 270 — ANO VII — N.º 320 — Preço: Cr\$ 0,20

O período de 1967 até hoje se estrutura, na arte brasileira, através da atividade de toda uma geração enquadrável, na sua maioria, nos limites do conceito de arte pós-moderna, definido por Mário Pedrosa. A meia década a que esse caminho corresponde instituiu entre nós a prática de uma amplitude inusitada de pesquisas, propostas e novas ousadias, em busca do futuro pulsante no presente. O retardo de sempre em relação à contemporaneidade internacional reduziu-se a nível de quase zero ou, como já se podia sentir desde meados da década de 1950, inverteu substancialmente sua ocorrência, a ponto de chegarmos a nos antecipar na criação de alguns padrões só mais tarde emergentes no estrangeiro. Na globalidade de nossa alçada brasílico-mundial de hoje tudo se cria, e se cria tanto ao nosso ritmo quanto ao ritmo do que se cria lá fora, sem atraso, sem subserviência, sem complexo de fatalidade importadora.

É curioso que, no momento mesmo do cinquentenário da Semana de Arte Moderna de 1922, seja possível estabelecer elos de continuidade e consequência entre aquele contexto de combate e a nossa mais recente atualidade. A revolta modernista, nos anos heróicos da segunda metade da década de 1910 e da década inteira de 1920, procurou encontrar o ponto adequado de fusão do que havia de mais atual na época, sob ângulo internacional, com a própria redescoberta do Brasil, segundo a tentativa de finalmente inaugurar uma arte nossa — nativa tanto quanto cabível, calorosa, caipira no seu jeito cosmopolita, capaz de imperfeições expressivas, lírica e violenta, refratária à morbidez, afirmativa do nosso e do mundo. A virada antropofágica de Oswald de Andrade deglutiria esse duplo propósito melhor do que qualquer outro movimento do mesmo período.

Aqui e agora: as palavras repetem a bifurcação do alvo e refletem a atitude mais vastamente generalizada entre os artistas que compõem a última geração se afirmando brasileira. No entanto, se a origem mais longínqua dessa vontade de nacionalidade internacionalizada desce até a base modernista, diversos outros encadeamentos, interpenetrações e retomadas de rumos posteriores explicarão melhor as peculiaridades do que se está criando hoje entre nós, na variedade toda de nossos desníveis regionais. A nova internacionalização, em arte e no resto, que se seguiu ao pós-guerra, com a progressiva transferência do eixo determinante de Paris para New York, permeou muito rapidamente a produção de nossos artistas então em início de trabalho; a linguagem abstracionista, em seus polos expressionista-lírico-informal ou geométrico-concreto, cedo se instalou como a constante definidora da arte brasileira ao longo da década de 1950, persistindo até os primeiros anos da década seguinte.

Nesse período, marcou-nos mais a vertente construtiva, rigorosa e matematicamente orientada, do abstracionismo; a 1